

CDU 301:008

REFLEXÕES SOBRE O DECÊNIO

Nelson Saldanha

Em um breve ensaio “o próximo *fin de millénaire*”, Ernest Gellner expõe um cotejo entre o fim de século passado (XIX-XX) e o *fim de milênio* presente (XX-XXI): para o antropólogo inglês, o *fin de siècle* foi libertador ao dissolver os exagerados otimismo do Oitocentos, mas o fim de milênio “talvez seja intencionalmente destrutivo”.¹

Talvez. Só que nem sempre é fácil distinguir o “destrutivo” e o não-destrutivo. Pode ser uma questão de grau diferenciar a violência ocorrida nos contextos de cinquenta anos atrás da de duas décadas passadas; a violência e a destrutividade (que não são exatamente a mesma coisa) constatáveis nos combates intertribais africanos e nos morros do Rio de Janeiro.

Nem é fácil, igualmente, construir uma visão do “panorama” deste decênio, com o qual se ultima o século vinte, em termos convincentes; nem reduzi-lo a um esquema válido, formulado em três ou quatro constatação centrais.

Um número muito grande de pessoas (pensadores, jornalistas, escritores, políticos) vem fazendo análises – ou sínteses – referentes ao fim do milênio, às transformações que acontecem e à transição, ou às transições, que levam e levarão ao próximo milênio. Que começa obviamente com o próximo século, e com o próximo decênio. Vem-se vivendo, no Ocidente e no mundo ocidentalizado, uma espécie de síndrome, relativa ao avizinhar-se da passagem (ano 2001) ao estágio vindouro. Pouco adianta esperar que as pessoas reflitam sobre as

1 GELLNER, Ernest. *Antropologia e política — revoluções no bosque sagrado*. Trad. R. Dungman. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 245.

convenções cronológicas, que sobrepoem ao fluxo do tempo (e dos fatos) rótulos e demarcações: séculos são unidades convencionais como semanas, como meses e anos; são-no também os milênios. As pessoas *vivem* a expectativa da transição.

Alguns intelectuais retomam a idéia de um “fim da história”, como acabamento ou como paralisação. Muito antes do pretensioso livro de Fukuyama, Lefebvre havia escrito uma obra chamada *La fin de l'histoire*. Nem sempre se cita Hegel — referido centralmente no lúcido livro de Lefebvre; e quanto a Spengler, que como outros, mas de modo mais marcante, estudou o ocaso do Ocidente, ninguém o cita. O mesmo ocorre, ou quase, com Toynbee.

Utilizei logo acima a frase “como acabamento ou como paralisação”; ou seja, como morte, ou como perda das características e da essência. Estou, ao empregar agora estas duas outras expressões, pensando na teoria spengleriana da “civilização” como etapa final de uma “cultura” — etapa de decadência, como perda das crenças básicas e das criatividades peculiares.

Pode-se, diante da temática da *crise*, sempre recorrente, colocar com alusão ao *Ocidente* esta questão: alteração ou morte? De fato, o que se veio chamando de *Ocidente* — desde Danilevsky, pelo menos — corresponde a um orbe cultural dentro de cujos limites alguns colocam Grécia e Roma, outros não (estes seguindo Spengler e Toynbee), e que se desenvolveu durante os séculos chamados “Idade Média” e chegou ao apogeu no século XVIII, mais ou menos. O século XIX já seria o começo do declínio; o XX mostraria a consumação deste declínio. Isto para uma certa visão, que crê nos ciclos culturais e interpreta como irreversíveis certos sinais de colapso (doutrinas como o marxismo, por exemplo, poderão, ou poderiam, entender certas crises como parte de um progresso em direção a tempos melhores).

* *

Vemos por toda a parte os restos da cultura ocidental cercados pela corrosão e pela deterioração. A vida urbana entrou em crise desde a centúria passada. A enorme incrementação demográfica descaracterizou o fenômeno “cidade” e desequilibrou as estruturas institucionais. Valores e normas perdem sentido e vigência dentro da

convivência conflituosa instaurada nas sociedades. O conjunto das nações – cada vez mais assemelhadas mas mais cheias de problemas² – exhibe como sempre um quadro de hegemonias. Comunidades econômicas (e políticas) continuam reunindo nações, mas agora com nomes e conteúdos distintos. O mundo, planetarizado e padronizado, passou ao domínio de uma só superpotência, que exporta o “neoliberalismo” e a globalização.

São alterações marcantes. A afirmação é óbvia, mas válida, e em torno dela posso recorrer a uma discreta citação. Maria do Carmo Tavares de Miranda menciona como ponto crucial a Revolução Tecnológica, que vem sendo acompanhada por outras revoluções, de ordem cultural, social e política, trazendo novos temas para a reflexão humana.³

O pessimismo diante dos fatos não é apenas um “estado de espírito” ou uma atitude literária. Autores têm organizado informações e estudos com respeito aos diversos aspectos da crise. Por exemplo René Dumont, que no livro *L'utopie ou la morte* analisa a questão demográfica e a política dos países fortes explorando os fracassos (como sempre), dentro de estruturas tecnológicas cada vez mais sofisticadas.⁴ Grandes escritórios internacionais decidem as coisas em termos econômicos, enquanto os povos ditos subdesenvolvidos perpetuam a miséria (até porque não instituem o planejamento familiar nem possuem elites aptas a equilibrar o crescimento econômico com o mínimo de nacionalismo e autonomia de que precisam).

O capítulo das alterações, que conduz epigraficamente os triunfos da técnica, inclui transformações políticas, que são seqüela de processos vindos do meado do século – segunda guerra, plano Marshall, igualitarismos – e transformações sociais, que abrangem ou afetam modificações nos comportamentos e nas mentalidades. O processo de secularização, ocorrente no mundo ocidental desde o fim do medievo, levou ao cientificismo e à chamada filosofia do êxito: desapareceram as hierarquias sociais clássicas, e com elas a sacralidade de certas coisas, substituída por endeusamentos momentâneos ou por surtos de religiosidade. Com isto a ética, como

2 Cf. nosso *O declínio das Nações e outros ensaios*. Recife: Massangana, 1990.

3 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. *Aventura humana*. Recife: Comunicarte, 1996, p. 9-10.

4 DUMONT, René. *A utopia ou a morte*. Trad. M. S. Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

tal, perdeu a força que teve em outras épocas:⁵ a ética, em outros contextos vinculada a cosmovisões estáveis, reflete a fragmentação das visões do mundo. Vivemos o mundo da permissividade.

Mas, entre as alterações políticas, as análises insistem sobre a reunificação da Alemanha (*von der Spaltung zur Einheit*), e também sobre a “Perestróika” – ou seja, sobre o desmantelamento da União Soviética, planejado pelos Estados Unidos com impressionante competência e rios de dinheiro. Um episódio que desenraizou e desagregou a continuidade histórica da vida dos povos eslavos (já comprometida pelo experimento comunista), com a conivência de líderes como Gorbachov e Ieltsin. Para muitos, o desmantelamento da URSS significou a prova do triunfo do capitalismo: sempre a estúpida tendência às alternativas radicais.

Alteram-se também as periferias, sempre entaladas em um difícil paradoxo: por um lado, envolvidas pela internacionalização (agora “globalização”) dos processos, e forçadas a uma equívoca “modernização”; por outro privadas dos benefícios reais do desenvolvimento, no concernente à segurança e à chamada qualidade de vida.

* *

Além de tudo, um decênio de conflitos. Na África, na América Latina, na Europa Oriental: velhas guerras tribais no primeiro e no terceiro casos, lutas contra o imperialismo no segundo.

Destacaria, porém, a chamada “Guerra do Golfo” (1990-91). É impressionante o descaso da opinião mundial (ou de boa parte dela) diante do evento, e vale a pena tentar algumas reflexões a respeito. Suas implicações levariam a pensar na evolução das desigualdades mundiais: algo tão antigo quanto os agrupamentos humanos, repetindo-se com distinto perfil em cada grande contexto histórico. A propósito da guerra movida pelos Estados Unidos contra o Iraque, é necessário desde logo repensar o que tem significado para o mundo, sobretudo o mundo posterior a 1945, a hegemonia norte-americana: não apenas o domínio crescente e onímodo, mas também as marcas do serviço de um *staff* terrivelmente competente. A mesma astúcia que montou

⁵ Para uma menção à ética neste final de milênio, veja-se o texto de Lima Vaz, como editorial, em *Síntese - nova fase*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 10 e segs., 1981.

na Europa o célebre plano Marshall, pensou na “reconstrução” do Kuwait após a vitória: provocação, guerra, massacre, bombardeio de veneráveis sítios arqueológicos, e depois os negócios.⁶

* *

Agora algumas alusões a elementos inseridos no panorama, ou a interpretações possíveis. A chamada filosofia hermenêutica vem afirmando, desde Gadamer, o caráter interpretativo das ciências humanas; e com efeito todo o pensamento social consiste, sempre, em modos de interpretar dados e referências. As diferentes visões do panorama vigente — aludi a elas ao início — são modos de ordenar e de entender dados e referências. Uma das formas de ordenar e entender as coisas nos últimos tempos foi o uso dos rótulos *moderna* e *contemporânea* para designar a história no período que vai do Renascimento a Napoleão (mais ou menos) e no que vai daí aos dias atuais. Mas um dos modismos recentes tem usado o termo “pós-modernidade”, omitindo o rótulo “contemporâneo” e alargando o alcance da expressão “moderno”: pós-modernos seriam no caso os tempos mais recentes, dentro do século vinte e entendidos como negação dos princípios fundamentais do moderno. Na verdade, uma designação pouco feliz e reveladora da inquietação e das deficiências da linguagem contemporânea. Spengler já havia dito que eram “ridículos e desesperados” os termos *moderno* e *contemporâneo*; pós-moderno é só a junção de um prefixo anódino a um termo equívoco.

Na verdade o trânsito, no Ocidente, do *moderno* ao *contemporâneo*, representou o crescimento de uma série de tensões, correlatas da própria estruturação das ciências sociais. Representou (dentro da secularização e da democratização) um crescente processo

6 Edward Said refere-se a certas “explicações e defesas cruidas da política norte-americana como não-imperialista, escritas por vários estrategistas, teóricos e estudiosos” (*Cultura e Imperialismo*. Trad. D. Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 35). — Anote-se que ao cabo da “guerra”, que foi apenas uma campanha militar empreendida contra um adversário pequeno e mal armado, o presidente Bush falava significativamente de uma “nova ordem mundial”. Destruídos os peles-vermelhas no século XIX, no XX continuou o trabalho de colocar sob controle os povos tidos como inferiores (o povo cubano inclusive). — Entretanto, o dinheiro gasto para atacar os iraquianos sanaria várias mazelas do terceiro mundo. O noticiário (inclusive, na televisão brasileira, veiculado por um locutor de fala fina), contudo, acentuava principalmente o lado *tecnológico* das vitórias dos “aliados”: como sempre, o êxito militar é usado para induzir a opinião no sentido da superioridade do país vencedor, e de sua forma de governo.

de esvaziamentos e de saturações, quer no plano dos valores e crenças, quer no da ordenação social e das vigências éticas.

Além disso essas coisas coincidiram com a implacável expansão do Ocidente: em realidade expansão do capitalismo e dos interesses econômicos ocidentais, acarretando a condução, para quase todas as partes do mundo, de uma série de idéias e tendências. Criou-se uma relação complicada entre os contextos não-ocidentais do mundo (inclusive as minorias étnicas) e o Ocidente gerador da planetarização, padronização e mais recentemente “globalização”: renovação, sempre questionável, da distribuição mundial de produtos e de estilos.⁷

Nihilismos, que datam pelo menos de Nietzsche, irracionalismos – que nada têm a ver com o historicismo – religiosidades eventuais, “filosofia do êxito”, neo-isto e neo-aquilo: modos de aceitar as coisas ou fugir a elas, como na alternativa descrita por Umberto Eco em *Apocalípticos e Integrados*.

E contudo, a China. Um vasto mundo que há meio século passou do feudalismo para a burocracia comunista, e que vem adaptando-se às estruturas comerciais do Ocidente sem (ao que parece) maiores concessões ao capitalismo: um imenso mundo meio misterioso cujas potencialidades estão por emergir.

* *

Em nosso século, consumou-se a expansão do ser humano sobre a Terra, estranha vitória que há de custar caro (aliás já está custando): um correlato da vitória do metal e do plástico sobre os reinos vegetal e animal. Consumou-se a dessacralização, levada ao esvaziamento das crenças e ao materialismo financeiro – curiosa confirmação capitalista do método histórico marxista – à consagração do poder do dinheiro e já agora ao domínio absoluto da tecnologia, sob forma cibernética e eletrônica. Entroniza-se o que Lefebvre, sempre lúcido, havia denominado desde 1967 o “cibernântropo”.

⁷ Algumas observações válidas (de par com outras discutíveis) no contexto do grande filósofo mexicano Leopoldo Zéa, “La integración latinoamericana”, em *Carta* (revista do então Senador Darcy Ribeiro), 1991-2, p. 69 e segs. 1991-1992. Cabe citar, porém, a frase de Edward Said (op. cit., p. 52): “Um novo tribalismo, assustador, está fraturando as sociedades, separando os povos, promovendo a cupidez, o conflito sangrento, defesas insípidas de particularidades étnicas ou grupais secundárias”. Acrescenta-se: lutas incentivadas pelos países fortes, sempre “dividindo e imperando”, e em contraste com as unificações técnicas já mencionadas.

O grande orgulho do homem do século vinte vem sendo a técnica ou, antes, a tecnologia. A técnica sempre existiu, como sempre existiram as “comunicações”, só que em nosso século o mundo da técnica recebeu um incremento nunca dantes ocorrido: já na década de 30 começou a falar em tecnocracia como uma reivindicação de engenheiros na intenção de governar o mundo (claro eco da pretensão positivista de entregar o poder aos cientistas, sucessores dos sacerdotes, dos políticos, dos militares e dos advogados). A técnica constitui na verdade um sistema de comodidades e de acréscimos referentes à eficácia da ação humana.

E isto merece duas ou três palavras. Enquanto a *técnica* representa facilidades, a *cultura* representa dificuldades: ou seja, exigências, normas, disciplina ética. Os homens se diferenciam, culturalmente, através do trato com as dificuldades (o próprio conceito de trabalho corrobora este fato); mas a técnica tende a igualar os homens – ela também “não tem pátria” –, ao oferecer *meios* e *auxílios* (para determinados fins, que são culturais e/ou éticos). Com frequência vêm-se pessoas sem maior porte cultural, ou sem maiores preocupações éticas, assimilar com especial rapidez as novidades técnicas. Talvez o caráter “objetivo” da técnica, que corresponde a uma certa “universalidade”, tenha feito com que, em certos setores da ficção científica, surgisse a perigosa idéia de um governo mundial: o planeta unificado em uma chefia única, a um tempo militar, científica e política.

A decadência da civilização envolve certamente a crise dos valores e dos símbolos, das exigências éticas, dos ritos e das hierarquias. A técnica, em expansão avassaladora – o termo se impõe –, unifica e descaracteriza. Mas enquanto o Ocidente veio decaindo, não surgiu outra cultura, como ocorreu em épocas de sociedades mais situadas, com menos espaço, como quando a Grécia se estruturava perto do declínio da Mesopotâmia, ou quando o Islã crescia ao lado da decadência de Roma. Na vivência planetária, não se estrutura um novo orbe cultural, sim uma junção de parte heterogêneas. Apesar de que, é possível que a China seja aquele orbe, como ficou dito acima.

Entrementes, aumenta de todas as formas a violência. Tecnologia, imperialismo globalizante e planetarizante, crise do conceito de nação, excessos demográficos, tudo são dados que apagam

e desfiguram o milenar perfil do ser humano, delineado aos poucos nos contextos antigos, em paralelo ao hoje esquecido “humanismo”.

Não vejo como se possam fazer previsões concretas. Otimismo e pessimismo são sempre possíveis, mas sempre admitindo o imprevisível.